



A Tribuna

Quarta – feira, 22 de Outubro de 2008.

### POLÍTICA

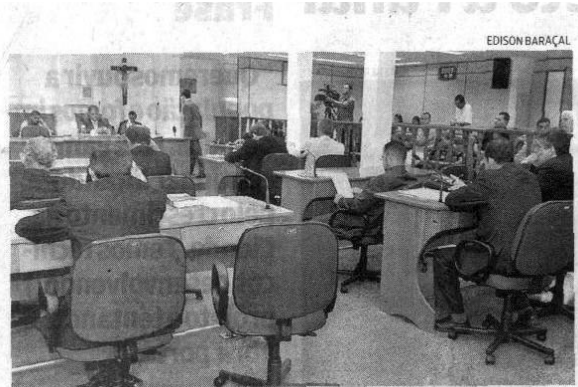
## Oposição na Câmara volta a atacar Farid

ALESSIO VENTURELLI

### DA REDAÇÃO

A oposição ao prefeito de Guarujá, Farid Madi (PDT), na Câmara, retomou na sessão legislativa de ontem a artilharia de críticas contra a Administração Municipal. Na linha de frente, os vereadores Paulo Pia-

senti (PSDB) e Luís Carlos Romazzini (PT) centraram fogo em questões relacionadas à demissão de funcionários da Prefeitura e à possibilidade do aditamento de contrato com a Vital Engenharia, empresa responsável pela coleta lixo e limpeza urbana na Cidade.



EDISON BARAÇAL

Alguns vereadores estão preocupados com o aditamento de contratos

Apesar do tom provocativo adotado em plenário, ambos demonstraram apreensão com a situação financeira que será herdada, a partir de janeiro, pela prefeita eleita, Maria Antonieta de Brito (PMDB).

“Estou preocupado com a situação que a Antonieta vai encontrar dia 1º de janeiro”, alertou Piasenti. “Não entendo o motivo pelo qual o prefeito quer tanto aditar contratos como lixo e radar, sendo que ele perdeu a eleição e só governa até dezembro”, provocou.

“Na minha opinião, esses contratos precisam ser melhor analisados, porque a prefeita eleita pode ser prejudicada com isso”, disse, em tom de desconfiança.

“Ela poderá ser responsabilizada pelo caos que estão deixando a Cidade”, salientou o tucano, que é cogitado para assumir um dos postos do primeiro escalão na gestão da peemedebista. “Se precisar ir para o Ministério Público, como já fiz outras vezes, eu vou de novo”, avisou.



## Garoto agride professora em VC

Uma professora da Rede Estadual de Ensino foi agredida ontem, em Vicente de Carvalho, por um aluno da quarta série, que ficou enfurecido após ter sido repreendido em sala de aula. O fato ocorreu no início da manhã, na Escola Idalino Pinez, localizada no Pae Cará.

Conforme o boletim de ocorrência registrado na 2ª Companhia da Polícia Militar de Vicente de Carvalho, o problema se deu quando J.L.S., de 11 anos, saiu da sala de aula sem pedir permissão à professora (e vítima) Marilene Vieira da Silva Costa.

Ainda de acordo com o documento, Marilene repreendeu o aluno, quando o garoto retornou ao ambiente de estudo. Na ocasião, seguindo ela, o meni-

no trazia consigo um prato de comida, que foi arremessado ao chão, em protesto à advertência. Revoltado, o estudante ainda teria xingado a educadora e a atacado com dois socos na altura dos ombros.

Apesar da denúncia ter sido encaminhada à polícia, pouco se pôde fazer em relação ao suposto agressor, que é menor de idade.

Na ocasião, a PM orientou a própria direção da escola a tomar medidas administrativas em relação ao caso.

A reportagem esteve no estabelecimento de ensino, mas nenhum responsável quis comentar o assunto. A professora foi procurada, mas não foi localizada e deixou recado avisando que preferia não se manifestar sobre o assunto.



# COSTUREIRA FOI REFÉM DE EX DUAS VEZES

**Moradora de Vicente de Carvalho foi ameaçada aos 14 anos e ao tentar se separar**

**O** caso Eloá fez com que a costureira Maria do Rosário (nome fictício), de 48 anos, fizesse uma viagem pelo seu passado. Moradora do Jardim Boa Esperança, em Vicente de Carvalho, ela contou ao Expresso que já viveu, por duas vezes, dilema semelhante ao da adolescente que foi assassinada pelo ex-namorado na última sexta-feira, após ser mantida refém por mais de 100 horas. "Por muito pouco, não tive o mesmo destino que ela", relembrou, ainda impressionada com as imagens que acompanhou pela TV.

"Passei por situações muito parecidas", disse a costureira, que não quis ser identificada por temer represálias. Mesmo assim,

EDISONARAÇAL



A costureira quis contar sua história para servir de lição a jovens

ela fez questão de contar a sua história, por entender que ela pode servir de lição a muitos jovens. "As mulheres têm que tomar cuidado com homens possessivos, que acham que a gente é escrava deles".

Aos 14 anos, pressionada por sua família, Maria do Rosário ficou noiva de um rapaz de 23 anos, quando ainda morava em Pari-

piranga (BA), sua cidade natal. "Não o amava e, poucos meses antes de a gente se casar, devolvi a minha aliança e disse que tinha desistido", relatou. "No dia seguinte, estava indo para a escola com dois irmãos e outros primos, quando ele ofereceu carona. Eu não queria ir, mas ele me convenceu. No caminho, o carro parou - parecia uma fa-

lha -, e ele pediu para a gente empurrar. Quando todos desceram, ele me segurou dentro do carro e saiu acelerando, deixando os outros para trás".

"Assim que ele arrancou com o carro, colocou um revólver na minha cabeça e ficava dizendo que ia me matar; que se eu não casasse com ele, não casaria com mais ninguém", lembrou. "Ele me bateu muito, puxou meu cabelo, me xingou bastante. E, em um determinado momento, disse assim: você vai pagar por isso que fez comigo. Eu, desesperada, falei: não vou pagar porque Nossa Senhora me proteje. Quando eu disse isso, o carro morreu e não ligava mais de jeito nenhum. Foi um milagre. Nesse meio tempo, os meus irmãos nos alcançaram e me salvaram dele, que fugiu antes da Polícia chegar", recordou.

A costureira relatou ainda que durante três anos, viveu na mesma cidade que o ex-noivo. "Ele ainda tentou me atropelar depois de algum tempo". "Depois, ele se casou com outra mulher, mas, mesmo assim, continuava me ameaçando", emendou ela, que também se casou, e veio para a Baixada Santista.

## "Falei dos nossos filhos e até fiz amor com ele como estratégia"

"Eu casei com esse homem, tive dois filhos, mas as coisas não estavam boas entre nós. Quando eu resolvi me separar dele, há 14 anos, ele entrou em casa, durante a noite, com uma faca na mão, querendo me matar. Durante mais de duas horas, eu sofri na mão dele", disse.

"Ele estava muito perturbado, chorava - e eu

tranquei os meus filhos em um quarto. Ele falava pra mim: 'minha vida acabou por sua culpa', e tentava me apunhalar. Então, eu, com medo, buscava manter a calma. Falei muito dos nossos filhos e até fiz amor com ele, como estratégia para ele não me matar", confessou a costureira. "No fim, deu tudo certo", contou. "Ele foi embo-

ra quietinho. Não precisou nem chamar a polícia", recorda Maria do Rosário.

Ela acredita que se Eloá tivesse sido mais maleável, poderia ter sobrevivido ao sequestro. "Acho que a polícia tinha que ter orientado ela a fazer o que ele queria. Ela podia ter dito que queria voltar com ele", considera.

"Achei isso tudo muito

triste. E não quero que esse tipo de coisa se repita", desabafou.

"Por isso, acabei me sentindo na obrigação de contar a minha história para o Expresso, para que outras mulheres não sofram o que eu sofri", concluiu Maria do Rosário, que até hoje ainda não encontrou o seu par perfeito. "Tenho trauma", justificou.